

A. VIEIRA DA SILVA

Engenheiro Militar pela Antiga Escola do Exército
Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa
Académico Titular da Academia Portuguesa da História
Sócio Efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses

A CERCA FERNANDINA DE LISBOA

VOLUME II

2.^a edição



INSCRIÇÃO DAS PORTAS DA CRUZ

LISBOA
1 9 8 7

A. VIEIRA DA SILVA

Escritora de livros de arte, de crítica e de história da arte.
Foi correspondente do jornal de Lisboa, e foi
presidente do Conselho Nacional de Arte e de
do Conselho de Arte e de do Conselho de Arte e de

A C E R C A
F E R N A N D I N A
D E L I S B O A

A C E R C A
F E R N A N D I N A
D E L I S B O A

1941
BIBLIOTECA
NACIONAL
LISBOA

A. VIEIRA DA SILVA

Engenheiro Militar pela Antiga Escola do Exército
Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa
Académico Titular da Academia Portuguesa da História
Sócio Efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses

A C E R C A FERNANDINA DE LISBOA

VOLUME II

2.^a edição

✓

CP127P

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
LISBOA

LISBOA

1 9 8 7

RP252

A VIEIRA DA SILVA

Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Letras
Departamento de História
Instituto de História da Arte

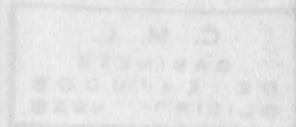
A
CERCA
FERNANDINA
DE LISBOA

1.ª edição

1.ª edição 1949

LISBOA

1949



PREFÁCIO

Só a necessidade de tornar o livro mais leve e mais manuseável é que obrigou a dividir este trabalho em dois volumes, porquanto o assunto deste é a continuação do tratado no primeiro volume, ou o prosseguimento do estudo da cerca fernandina por lanços de porta a porta da cidade, ou entre locais definidos do trajecto da muralha da cerca.

As três estampas finais do 1.º volume:
Planta geral de Lisboa,
Planta de Lisboa em 1650, por João Nunes Tinoco,
Vista *Olissippo* de Jorge Bráunio,
tem de imaginar-se que acompanham também este 2.º volume, para serem consultadas nas devidas ocasiões.

PREFÁCIO

É a necessidade de tornar o livro mais leve e mais agradável a quem abrigar a leitura que nos levou a esta edição. Portanto a edição desta é a continuação da tarefa de proporcionar volume ao o progresso do ensino de física. Uma vez que a física é parte da cultura do povo, a física deve ser ensinada de maneira adequada.

As três edições finais do 1.º volume.
Plano geral de física.
Plano de física em 1960 por João Maria Faria.
Versão final de Jorge Martins.
Um de nós quer agradecer também ao 2.º volume.
para serem conhecidas nas melhores condições.

LANÇO OCIDENTAL

(CONTINUAÇÃO)

DAS PORTAS DE S.^{TA} CATARINA AO POSTIGO DO DUQUE

MAPA XII

Elementos para a Reconstituição do Traçado da Cerca.
— Da Porta de S.^{ta} Catarina continuava o lanço descendente da muralha em direcção ao sul, pelo meio do quarteirão de casas compreendido entre as actuais Ruas do Alecrim e António Maria Cardoso.

Este lanço de muralha desapareceu quase completamente, e o seu traçado foi por nós reconstituído tomando por base a planta de Tinoco (1650), aproveitando os elementos fornecidos pelos Tombos de 1573 e de 1755, e mediante o levantamento topográfico do mencionado quarteirão de casas ⁽¹⁾.

A planta do Arquitecto Tinoco, conquanto esteja também neste sítio manifestamente errada, e porventura mesmo arbitrariamente desenhada, é todavia bastante valiosa para nos fornecer alguns pormenores do traçado da cerca, que aproveitámos de maneira que explicaremos ⁽²⁾.

⁽¹⁾ Foi feito, com o maior cuidado, pelo topógrafo da Câmara Municipal, José da Costa Lima, em Abril de 1948.

⁽²⁾ O traçado da cerca que desenhámos no nosso trabalho: *Os Paços dos Duques de Bragança*, publicado em *Olisipo*, também não está certo, porque partimos da suposição que os actuais prédios da Rua

Traçado Geral Provável deste Lanço da Muralha Ferdinandina. — Mostra a Planta de Tinoco, no lanço da cerca que estamos considerando, um traçado com 4 redentos, sendo um pequeno para o interior, e os 3 restantes, maiores, para o exterior da cidade, e terminando inferiormente ou ao sul, numa torre, ao lado da qual ficava uma porta da cidade que se chamou Postigo do Duque de Bragança.

Guiando-nos por esta planta diremos primeiro qual o traçado que, segundo as nossas deduções, devia ter apresentado a muralha.

Saindo da quadra ou da torre sul das Portas de S.^{ta} Catarina em direcção ao Tejo, havia primeiro um lanço com 66^m de comprimento, até ao fundo actual do edifício da Igreja da Encarnação.

Depois de formar um pequeno redente (o 1.^o) com 1^m,87 de comprimento, espessura provável do muro, seguia um novo troço com 68^m de extensão até ao muro divisório dos prédios n.^{os} 44-52 e 58 da Rua do Alecrim, onde formava o 2.^o redente com 6^m de ressalto, que a Planta de Tinoco não marca.

Continuava, assim recuada, na mesma direcção, constituindo um lanço com 33^m, que formava o 3.^o redente com 4^m no interior do prédio n.^{os} 32-42 da Rua do Alecrim.

A este 3.^o redente seguia-se um troço com 55^m, ao longo de uma parte da rampa de acesso ao edifício que foi Fábrica de Cerveja, n.^o 30 da Rua do Alecrim, e que, comquanto esta já tenha desaparecido, para simplificar a descrição e as referências continuaremos a designar o edifício por Fábrica de Cerveja.

do Alecrim tinham as suas fachadas no sitio das do século xvi, quando estas ficavam um pouco mais recuadas, como viemos a reconhecer pelo estudo, confronto e sobreposição de plantas do local, que desenhámos na mesma escala. Também caíram por terra as conjecturas que aí fizemos sobre a existência duma torre a meio do comprimento deste lanço de muralha, a qual não deve ter existido, como veremos.

No fim deste lanço formava a muralha um 4.º redente (3.º da Planta de Tinoco), com uns 13^m de extensão, no interior do edificio da fábrica, e continuava pelo interior deste em direcção ao sul, na extensão de 39^m, até à fachada sul do mesmo, onde formava um 5.º redente, acompanhando esta fachada em cerca de metade do seu comprimento. Este redente é o 4.º dos representados na Planta de Tinoco.

Dele seguia, através do terreno da esplanada Bragança ou da Fábrica Jansen, e no alinhamento da fachada oriental do corpo sul do botequim da Fábrica, o último lanço da muralha, com uns 32^m de comprimento, que terminava no canto sudoeste da cerca fernandina, inserindo-se numa torre que, por ficar dentro e na extrema da propriedade do Marquês de Valença, Conde de Vimioso, era chamada Torre do Conde de Vimioso.

Cabe-nos justificar e mostrar sucintamente os fundamentos da conjectura deste traçado, o que faremos ao mesmo tempo que formos tratando dos prédios construídos de um e outro lado da muralha da cerca.

Rua da Cordoaria Nova. — Antes do terremoto de 1755 havia na direcção norte-sul, entre as duas ruas citadas que limitam lateralmente o mencionado quarteirão de casas, uma terceira rua chamada, desde o século xvi, Rua da Cordoaria Nova (3), paralela a elas e sem saída, a qual começava no Largo da Porta de S.^{ta} Catarina ou das Cavalariças de Sua Majestade, e tinha o comprimento de 110v.4,4p. (121^m,97) (4)

Cavalariças de Sua Majestade às Portas de S.^{ta} Catarina. — Parece que já no reinado de D. Manuel este rei pretendeu mudar as estrebarias da sua Casa, do local dos Paços da In-

(3) N.º 22. *Locus ubi rudentes nauü cõficiuntur vulgo Cordoaria-noua*, na vista *Olissippo*, do *Theatrum Urbium*, por Jorge Bráunio. 1596. — *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 193.

(4) *Tombo de 1755, Bairro do Remolares*, fl. 86 v.

quisição para junto dos seus Paços da Ribeira ⁽⁵⁾, o que não teve seguimento, e só no reinado de D. Henrique ou no do 1.º Filipe é que elas foram removidas daquele local para o sítio perto das Portas de S.ª Catarina, no qual havia uma extensa casa onde estava instalada uma fábrica de cordame, a Cordoaria Nova.

Este extenso edifício abarracado foi adaptado a cavalariças da Casa Real quando estas foram retiradas das proximidades do Paço dos Estáos por motivo das grandes obras que neste se fizeram nos fins do século XVI e princípios do XVII, para a instalação de serviços da Inquisição.

O edifício das cavalariças, que dava um dos citados nomes ao Largo para onde tinha frente ⁽⁶⁾, era um comprido barracão isolado, *que partia sobre si pela banda do Picadeiro da Cordoaria Nova*; tinha 195v.1,6p. (214^m,8) de comprimento, por 12v.4p. (14^m,08) de largura, entre as Ruas da Cordoaria Nova (desaparecida) e do Picadeiro (actual Rua António Maria Cardoso). Correspondia hoje aos prédios e jardins da Rua António Maria Cardoso, desde o Largo do Chiado, n.ºs 9 a 12, até ao prédio n.ºs 9 a 13, inclusive, da última mencionada rua.

O edifício do Picadeiro parece que ficava onde hoje se acham os jardins do Palácio Farrobo, nas trazeiras das cavalariças do mesmo palácio ⁽⁷⁾. Ignoramos se este picadeiro, que deu o nome à rua ⁽⁸⁾ que também se chamou Rua do Tesouro, pertencia à Casa Real ou ao Conde de Vimioso, cujo palácio lhe ficava próximo.

⁽⁵⁾ *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, pelo autor, 2.ª ed., vol. II, pág. 104.

⁽⁶⁾ *Demonstração Histórica*, etc., por Fr. Apolinario da Conceição, 1750, pág. 197.

⁽⁷⁾ *Tombo de 1755, Bairro do Remolares*, fl. 88. — *Bairro Alto*, fl. 86 v.

⁽⁸⁾ *Tombo de 1755, Bairro do Remolares*, fls. 89 e 95.

Doação do Terreno das Cavalariças à Câmara. — O terreno deste edifício, compreendido entre o Largo das Portas de S.^{ta} Catarina e as casas do Marquês de Valença, foi doado à Câmara Municipal pelo Rei D. José em 1764, para ela aí estabelecer um novo *açougue com seus talhos e oficinas*, em compensação do terreno e edifícios do açougue do Terreiro do Paço, que foi expropriado para a Praça do Comércio ⁽⁹⁾.

Outras Casas no Lado Oriental da Rua da Cordoaria Nova. — Em 1573, havia, no lado oriental da Rua da Cordoaria Nova, no sítio da parte setentrional das cavalariças, umas casas da Cidade defronte duma *escada grande de pedra que vai ao longo do muro para as casas que foram de Antonio da Silveira* ⁽¹⁰⁾, escada que devia ser a de acesso ao adarve da muralha das Portas de S.^{ta} Catarina.

Casas do Lado Ocidental da Rua da Cordoaria Nova. — No lado ocidental da rua as casas, conquanto os *Tombo de 1573* e de *1755* não o digam, deviam entestar pelo fundo com a muralha da cerca, ficando costas com costas com as do lado oriental da Rua do Alecrim. As suas dimensões constam do *Tombo de 1755* ⁽¹¹⁾, e com elas reconstituímos a topografia do local.

As primeiras casas à entrada da rua, na extensão conjectural de uns 42^m × 6^m, deviam ser as dos sucessores de António da Silveira do século XVI, e das que teriam sido doadas pela sua descendente D. Elvira de Vilhena, para a construção da Igreja da Encarnação, como veremos; não as mencionam nenhum dos *Tombo*s.

Estas casas, por motivo da construção da igreja da Encarnação, já não deviam existir em 1755, e por isso a entrada da Rua da Cordoaria Nova apresentava nesse ano 10v.2,7p. (11^m,6) de largura ⁽¹²⁾.

⁽⁹⁾ *Elementos*, etc., tomo I, pág. 102.

⁽¹⁰⁾ *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 193.

⁽¹¹⁾ *Bairro do Remolares*, fls. 86 v. a 88 v.

⁽¹²⁾ *Tombo de 1755*, *Bairro do Remolares*, fl. 86.

Medidas das Propriedades Extraídas do Tombo de 1755.

— A esta propriedade, que já estaria incorporada no edificio do templo, seguiam-se em 1755 duas outras (n.º 1 do *Tombo*) com 21v.1p. × 5v.2,3p. (23^m,32 × 6^m), *imediatas ao fundo da Igreja nova* (Encarnação).

Estas propriedades, compostas de lojas, dois andares e uma varanda, foram demolidas pelo incêndio de 1755, e o seu terreno foi adjudicado à Irmandade do S.S. da Encarnação (13), e incorporado no da igreja reedificada.

A estas faziam seguimento as propriedades numeradas 2 a 5 no *Tombo*, terminando a última por um pátio, com a frente total de 59v.3,8p. (65^m,73) para a Rua da Cordoaria Nova, e todas com 7v.0,8p. (7^m,87) de fundo.

Estas medidas mostram-nos, com verosimilhança: 1.º, que as fachadas estavam todas no mesmo alinhamento; 2.º, que a diferença da profundidade entre a 1.ª e as restantes, 1^m,87, era a dimensão do 1.º redente, que faria avançar esta distância para oeste o traçado da muralha; 3.º, que o quintal da extremidade topejava contra o 2.º redente; ficando esta série de propriedades, excluindo a 1.ª, compreendida entre dois redentes da cerca.

Ainda havia naquela rua um 6.º prédio, com 17v.3,9p. × 4v.4,9p. (19^m,56 × 5^m,48), que do último redente mencionado chegava aproximadamente até ao muro divisório dos prédios n.ºs 42 e 44 da Rua do Alecrim.

A 20^m de distância do fim da rua ficava, do lado oriental, a extrema ou o fundo do Picadeiro da Cordoaria a que já nos referimos; mas a falta de mais indicações não nos permite precisar a sua situação (14).

Desaparecimento da Rua da Cordoaria Nova depois do Terremoto de 1755. — A rua desapareceu depois do terremoto de 1755, afogada no interior dos prédios construídos entre a

(13) *Cópia do Tombo do Bairro do Remolares*, fl. 126 v.

(14) *Tombo de 1755, Bairro Alto*, fl. 88.

Igreja da Encarnação e as casas que se lhe seguem para o sul na Rua do Alecrim, e os prédios da Rua António Maria Cardoso. O seu chão, assim como o das cavalariças e o das outras casas que nela existiam, foram vendidos a diversos ⁽¹⁵⁾.

Propriedades da Banda de Fora da Cerca em 1573.

1.º **prazo.** — No meado do século XVI havia, do lado exterior da cerca e adjacente à muralha, uma comprida faixa de terreno, com 149^m de extensão, constituindo dois prazos da Cidade, que esta deu de aforamento.

O do norte foi encabeçado em 1549 em D. António da Silveira, e consistia em um assento de casas grandes, já em 1573 reduzidas a pardieiros, e em um quintal; media 91v.2p. (100^m,54) ao longo do muro, e 82v.1p. (90^m,42) do lado da rua, por 12v.4,5p. (14^m,19) de fundo ao norte *em esconço*, e 9v.1/3p. (9^m,97) ao sul ⁽¹⁶⁾. Correspondia aproximadamente, em extensão, à fachada lateral da actual Igreja da Encarnação e a dois terços do Palácio Farrobo, sito no Largo do Barão de Quintela.

2.º **Prazo.** — O segundo, que consistia com um assento de casas grandes e um quintal, foi aforado em 1521 a Jorge de Melo, e media 53v.1p. (58^m,52) ao longo da muralha da cidade, assim como da Rua que vai de N. S.^a do Loreto para o Postigo do Duque (Rua do Alecrim); e 11v.2(?)1/3p. (12^m,61) de fundo ao norte, e 16v.1p. (17^m,82) ao sul, por onde partia com chão e casas do Conde de Vimioso ⁽¹⁷⁾. Correspondia a sua frente, pouco mais ou menos, ao terço restante do Palácio Farrobo, às cocheiras do palácio, e ao prédio n.ºs 44 a 54 da Rua do Alecrim.

⁽¹⁵⁾ *Cópia do Tombo do Bairro do Remolares*, fls. 124 a 128 v.

⁽¹⁶⁾ *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 365.

⁽¹⁷⁾ *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 366. — A medida do topo norte do terreno: 11 v. 8 1/3 p., indicada no *Tombo*, parece estar errada (8 1/3 p. são 1 v. 3 1/3 p.), e ser resultante de lapso de escrita: adoptámos 11 v. 2 1/3 p., por ser a dimensão que mais se aproxima da que se media nesse sítio em 1755.

Este segundo prazo foi dividido em dois talhões com comprimentos quase iguais; no do norte estava em 1755 o prédio particular; no do sul havia umas casas nobres do Conde de Vimioso, Marquês de Valença, que duraram até ao terremoto de 1755.

Terrenos ao Sul do 2.º Prazo. — Num terreno da faixa ao longo do muro, ao sul do 2.º prazo, havia uma casa, um chão e uma cocheira pertencentes ao Conde de Vimioso, e correspondiam elas ao local do prédio n.ºs 32 a 42 da Rua do Alecrim, com uma frente de cerca de 20^m, o qual torneja desta rua para a rampa de acesso à antiga Fábrica de Cerveja (porta n.º 30). Delas não trata o *Tombo de 1573*, mas acham-se especificadas no *Tombo de 1755* ⁽¹⁸⁾, como veremos.

Observações sobre as Medidas dos Dois Prazos. — Algumas observações nos sugerem as medidas dos topos dos terrenos dos dois mencionados prazos.

1.^a Na linha de junção destes dois prazos os comprimentos dos seus topos diferiam de 2^m,84, e não havendo nenhum redente nesse sítio da muralha, segundo se depreende da Planta de Tinoco, pode explicar-se a diferença pela existência dalguma casa ou torre desconhecida, junto do topo sul do 1.º prazo, cuja largura tinha sido excluída da medida desse topo no 1.º prazo e incluída na do 2.º. Tal divergência já não existia em 1755.

2.^a A diferença de 5^m, entre as medidas dos dois topos do 2.º prazo pode explicar-se pela existência dum redente da muralha, próximo do meio do comprimento do talhão, que é o 2.º dos redentes da Planta de Tinoco, e cuja existência aceitámos para justificar aquela diferença, e porque marca o termo das propriedades situadas do lado oriental da cerca na Rua da Cordoaria Nova, como já vimos.

Aplicações Conhecidas do Terreno destes Prazos no Século XVII. — Parece que toda a extensão desta nesga de terrenos até às casas do Conde de Vimioso estava em 1625 ocupada com estâncias de madeira, vedadas, do lado da rua, por uma cortina de pedra ensoça (*sem argamassa*) e pedaços de tábuas (19).

No terreno do primeiro dos mencionados prazos começou-se a construir em 1679, *defronte de N. S.^a do Alecrim*, um açougue com 10 talhos; a obra foi embargada pelo foreiro do terreno, mas chegou a concluir-se (20). Ficava no sítio das actuais casas da Irmandade do S. Sacramento da Igreja da Encarnação, ao sul da igreja.

Igreja da N. S.^a da Encarnação. — Foi na parte norte do terreno do 1.º prazo que 19 anos mais tarde, em 1698, a Condessa de Pontével D. Elvira de Vilhena, descendente do primeiro enfiteuta do prazo, mandou construir a Igreja da Encarnação e as suas dependências que envolviam a capela-mor (21).

Com esse destino fez ela doação do terreno e de umas casas suas que estavam construídas sobre o muro sul das Portas de S.^{ta} Catarina à entrada da Rua da Cordoaria Nova, e que haviam sido propriedade dos avós da fundadora.

Dimensões do Chão para a Construção da Igreja. — As medições do chão em que se intentava construir a igreja deram 200p. (44^m) à *face da rua (do Alecrim) medindo-se do cunhal da parede, onde foi açougue, até o das casas que ficam da banda dos portas de S.^{ta} Catharina, e tem de largo, por uma e outra parte, 70v. (15^m,4), tomando para fóra do cunhal da parede do dito açougue 3p. (0^m,66) escassos, ficando a rua direita do Alecrim de 59p. (12^m,98) até topar no cunhal das*

(19) *Elementos*, etc., tomo III, pág. 168.

(20) *Elementos*, etc., tomo VIII, págs. 322, 333, 336 e 362. — *Idem*, tomo IX, pág. 505.

(21) *Elementos*, etc., tomo IX, pág. 503, nota.

casas em frente, e no ponto da banda de baixo fica a dita rua de 58p. (12^m,76), (de largura) até topar na parede da igreja de N.^a S^{nr.}^a do Alecrim (22), largura que conserva.

Parece que a doação da Condessa para a construção da igreja compreendeu, além duma faixa de terreno intramuros, com cerca de 40^m de comprimento e 6^m de largura, à entrada da Rua da Cordoaria Nova, cerca de dois terços do terreno extramuros do 1.º prazo do *Tombo de 1573*, de que era foreira.

A Muralha da Cerca Passava pelo Terreno do Corpo da Igreja. — Pelo estudo e confronto da planta do local e das medidas dos *Tombo*s reconhece-se que a muralha da cerca atravessava o terreno da actual igreja; que devia ter sido completamente demolida na extensão duns 40^m a contar da fachada principal; e que a parede mestra oriental do templo foi nessa extensão construída uns 4^m distante daquela muralha para nascente, com alicerces privativos, incorporando assim o templo nas antigas casas da doadora sitas na Rua da Cordoaria Nova.

O muro da cidade, desde as referidas primeiras casas da Rua da Cordoaria Nova que constam do *Tombo de 1755* até ao primeiro pequeno redente da muralha, no termo do edificio actual da Irmandade do S. S. da Igreja da Encarnação, com a extensão de cerca de 24^m, devia ter-se conservado de pé até ao terremoto de 1755, não existindo ainda então na igreja o actual corredor e a escada nobre no lado oriental da capela-mor, que devem ser posteriores ao terremoto.

A parede mestra oriental do templo, desde o frontispício até aos degraus da capela mor, assim como a ocidental sobre a Rua do Alecrim, e a das casas da Irmandade que ficam por trás da capela-mor, também sobre esta Rua, devem ser da primitiva construção.

Carneiro ou Cemitério da Igreja. — Desde o fundo do corpo da igreja até ao limite actual do edificio da Irmandade, parece que existia um carneiro ou cemitério, porque em esca-

vações que já no corrente século se fizeram para a construção de três lojas na Rua do Alecrim, n.ºs 76 a 86, por baixo daquelas casas, encontraram-se no desaterro muitos ossos misturados com a terra.

Notícia Resumida da História da Igreja da Encarnação.

— A primeira pedra do templo foi lançada em 4 de Junho de 1698, tendo-se demolido no mesmo ano a torre sul das Portas de S.^{ta} Catarina, e em 1702 os restos dos muros do recinto das mesmas Portas, bem como umas casas que junto deles, ou sobre eles, se achavam edificadas.

A igreja ficou concluída em 1708, transferindo-se para ela em 8 de Setembro do mesmo ano a paróquia do Loreto, que estava na Ermida do Alecrim, e inaugurando-se a igreja no dia seguinte.

O terremoto de 1755 fez derruir parte do templo (talvez só parte da frontaria) ⁽²³⁾, e o incêndio que se lhe seguiu acabou de arruiná-lo (dizem os cronistas, o que nos parece todavia asserção um pouco exagerada). Tendo sido reconstruído, recommçaram nele em 21 de Março de 1785 os serviços paroquiais ⁽²⁴⁾.

A Irmandade do S.S. da freguesia adquiriu as primeiras casas incendiadas na Rua da Cordoaria Nova ⁽²⁵⁾ com 23^m,46 × × 6^m,01, em cujo terreno e no do resto da muralha completou as casas da sua sede, e fez o corredor e escada do lado oriental da capela-mor, e outras dependências para seu serviço.

⁽²³⁾ Conserva-se na sala das sessões da Irmandade do S.^{mo} Sacramento um quadro a óleo com o retrato da fundadora, D. Elvira de Vilhena, em que está representado também o fontispício da primeira igreja.

⁽²⁴⁾ *Mapa de Portugal*, por J. Bautista de Castro, tomo III, ed. de 1763, pág. 262.

⁽²⁵⁾ *Cópia do Tombo do Bairro do Remolares*, fl. 126 v.

A obra da frontaria do templo só foi dada por concluída em 1869, e os acabamentos interiores em 1873 ⁽²⁶⁾.

Correspondência dos Prédios do Tombo de 1755 aos Prazos do Tombo de 1573. — No terreno dos dois prazos mencionados do *Tombo de 1573* havia em 1755, além da Igreja da Encarnação, 4 propriedades que abrangiam, no seu conjunto, a área daqueles prazos; e para o sul deles havia um 5.º prédio, no sítio onde havia sido uma cocheira do Conde de Vimioso.

A 1.ª e 2.ª propriedades mencionadas no *Tombo de 1755*, que, conjuntamente com a Igreja da Encarnação e suas dependências, estavam construídas no terreno do 1.º prazo do *Tombo de 1573*, ocupavam-no por completo, na extensão de 95^m ⁽²⁷⁾.

As duas restantes, 3.ª e 4.ª, abrangiam todo o terreno do 2.º prazo ⁽²⁸⁾ do *Tombo de 1573*, na extensão de 57^m,2, e a última tinha ainda dependências para o sul, na extensão de 20^m, que chegavam até ao portão n.º 30 da antiga Fábrica da Cerveja.

Propriedades da Banda de Fora da Cerca em 1755. — Depois de formar o pequeno redente com 1^m,87 ⁽²⁹⁾ que se vê na Planta de Tinoco, no sítio da união do edifício da Igreja ao do Palácio Farrobo, continuava a muralha em alinhamento rectilíneo paralelo, mas um pouco para poente daquele que trazia das Portas de S.ª Catarina, pelo chão onde foi construído este palácio, e passava em seguida pelo sítio do muro dianteiro do edifício das cavaliariças do mesmo palácio, muro que possivelmente está construído sobre os alicerces do da cerca.

Até ao 2.º redente, na extensão de 69^m,5, havia em 1755, do lado da Rua do Alecrim, 2 prédios completos e parte dum terceiro.

⁽²⁶⁾ *Roteiro das Ruas de Lisboa*, por Queiroz Vellozo, 7.ª ed., 1895, pág. 135.

⁽²⁷⁾ *Tombo de 1755, Bairro Alto*, fls. 85 e 86 v.

⁽²⁸⁾ *Tombo de 1755, Bairro Alto*, fls. 86 v. e 87 v.

⁽²⁹⁾ *Tombo de 1755, Bairro do Remolares*, fl. 126 v.

O 1.º e 2.º, constituídos por duas propriedades e uma escada intermédia, com 138p. x 56 e 59p. de fundo (30^m,36 x 12^m,32 e 12^m,98), pertenciam à Irmandade do S. Sacramento da Freguesia da Encarnação, e completavam o terreno do 1.º prazo do aforamento de 1573; faziam naturalmente parte da doação de D. Elvira de Vilhena. Correspondia a sua frente aproximadamente a 2/3 da actual do Palácio Farrobo.

O 3.º, com 136p. x 57p. (29^m,92 x 12^m,54), pertencia em 1755 a um Licenciado André Roiz, e a sua frente corresponderia hoje ao terço restante do Palácio Farrobo, e mais a 2/3 da das cavalariças do mesmo palácio.

O 4.º prédio, com 124p. x 58,5p. (27^m,28 x 12^m,87), era uma casa nobre pertencente ao Marquês de Valença, 9.º Conde de Vimioso, e ultrapassava para o sul o 2.º redente do lanço do muro, chegando até ao limite do 2.º prazo do *Tombo de 1573*. O 2.º redente ficava nas trazeiras do prédio, separando-o de um pátio da Rua da Cordoaria Nova, de que já tratámos.

A muralha da cidade passou a recuar uns 5^m, relativamente ao troço que vinha do norte, e o muro de tardoz do palácio do Conde foi construído no alinhamento do troço anterior da cerca, deixando nas trazeiras do palácio um quintal ou saguão, que *se não mediu por não compreender duvida* ⁽³⁰⁾. Esta casa nobre correspondia ao restante terço da frente das cavalariças do Palácio Farrobo, e ao prédio n.ºs 44 a 54 da Rua do Alecrim.

Ao sul da casa nobre ficava em 1755, como em 1573, um quintal e uma cocheira (5.º prédio), dependências daquela casa, com 91p. (20^m,02) de frente, e o quintal com 58,5p. (12^m,87) de fundo. Correspondiam ao prédio n.ºs 32 a 42 da Rua do Alecrim.

(30) *Tombo de 1755, Bairro Alto, fl. 86 v.*

No meado do século xvii parece que os Condes de Vi-mioso estavam de posse de todo o 2.º prazo do *Tombo de 1573*, onde se achava construída a sua casa nobre e o prédio de rendimento contíguo para o norte (3.º prédio do *Tombo de 1755*).

Alinhamento das Fachadas dos Prédios da Rua do Alecrim. — Faremos notar que os prédios do lado oriental da rua do Alecrim que em 1755 se encostavam a este lanço de muralha tinham todos aproximadamente a mesma profundidade, cerca de 12^m,5, e que era esta igual à largura dos terrenos dos prazos de 1573, salva a restrição apontada relativa ao topo sul do 2.º prazo.

As suas frontarias ficavam alinhadas, mas o seu alinhamento era um pouco mais recuado do que o das fachadas dos prédios actuais, que parece que vieram a regular-se pelo muro ocidental da Igreja da Encarnação, e pela muralha de suporte dos terrenos da Fábrica de Cerveja sobre a Rua do Alecrim, muros que já estavam construídos em 1755.

Incêndio dos Prédios do Lado Oriental da Rua do Alecrim em 1755. — As cinco propriedades de particulares deste lado da Rua do Alecrim foram vítimas do incêndio pelo terremoto de 1755, ⁽³¹⁾ e os seus terrenos foram depois vendidos para novas edificações.

Palácio Farrobo. — A 1.ª, 2.ª, e parte da 3.ª propriedades da Rua do Alecrim, assim como a parte da Rua da Cordoaria Nova e das cavalariças da Casa Real que lhe ficavam do outro lado da cerca, com 203p. (44^m,66) de frente e 216p. (47^m,52) de fundo ⁽³²⁾ até à Rua do Tesouro, hoje Rua António Maria Cardoso, foram arrematadas pelo Dezembargador Luís Rebelo Quintela, antepassado do Conde de Farrobo, que aí fez construir depois de 1777 (data da arrematação dos ter-

⁽³¹⁾ *Tombo de 1755, Bairro Alto*, fl. 250.

⁽³²⁾ *Cópia do Tombo do Bairro do Remolares*, fls. 124 v. e 127.



TRECHO DE MURALHA DA CERCA QUE SE AVISTA DA RUA DO ALECRIM

**Entre uns armazens abarracados da extinta Fábrica de Cerveja, na Rua do Alecrim, no 1.º plano,
e os jardins dos prédios n.ºs 15 a 29 da Rua António Maria Cardoso, no último plano.**

**Sobre a muralha, a meio da vista, ergue-se a parede com uma janela
duma estufa, ou mirante envidraçado**

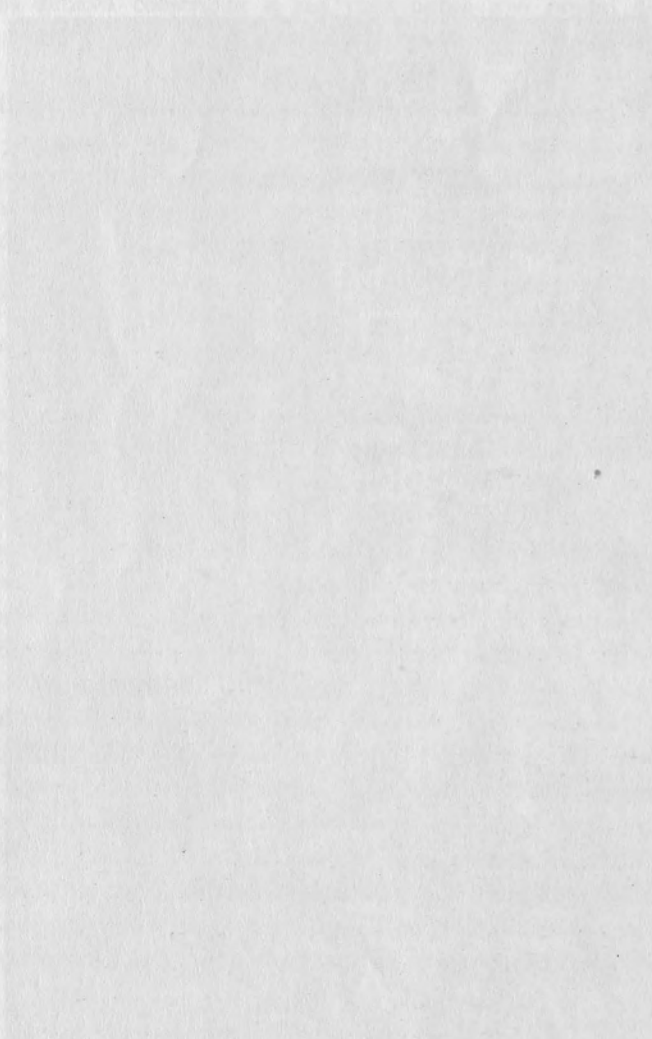
1900

1900

1900

1900

1900



1900

1900

renos) o palácio conhecido pelo título de *stè* Conde, na Rua do Alecrim, e o jardim nas costas do mesmo, com um portão nobre para a Rua António Maria Cardoso.

Também adquiriu o terreno para o prolongamento do jardim até ao prédio n.ºs 31 a 33 da última mencionada rua, o chão da Rua da Cordoaria Nova, e o dos prédios da Rua do Alecrim onde estão as cocheiras e cavalariças do seu palácio.

Prédio no Local da Casa Nobre do Conde de Vimioso.

— Na casa nobre do Conde de Vimioso ficou uma parte para as cocheiras do Palácio Farrobo, e na outra construiu-se o prédio n.ºs 44 a 54, cujo muro de tardoz está no sítio da muralha da cerca. Por traz deste fica um saguão com 4^m,5 de largura, e o muro de suporte do jardim do Palácio Farrobo, que limita esse saguão do lado do nascente, parece ser de construção contemporânea da do jardim.

Em seguida a muralha, formando a parede do fundo do prédio n.ºs 32 a 42 e o terceiro redente, ficou servindo de suporte ao terreno das casas, situadas num nível mui alto, do outro lado da cerca, nas costas do referido prédio.

Troço de Muralha que Começava no 3.º Redente. —

Deste 3.º redente continuava a muralha em direcção ao sul, e dela ainda se conserva um pequeno troço, na extensão de uns 34^m, servindo de muro de suporte dos jardins dos 1.ºs andares dos prédios n.ºs 23 a 29 e 15 a 21, da Rua António Maria Cardoso, que ficam mui mais altos do que o nível da rampa de acesso à Fábrica de Cerveja, do outro lado da cerca, cuja porta tem o n.º 30 de polícia na Rua do Alecrim.

Prédios n.ºs 15 a 29 da Rua António Maria Cardoso. —

Estes prédios foram construídos em terreno das antigas Cavalariças de El-Rei, de que já tratámos, e os seus jardins em um chão que fora do Palácio do Marquês de Valença.

No primeiro dos mencionados prédios há no andar térreo, ao fundo da porta n.º 29, uma antiga cisterna, servindo hoje de garrafeira, cujo bocal está situado no jardim do 1.º andar

do prédio. Sobre o adarve da muralha, ao fundo do jardim, estão construídas umas capoeiras e arrecadações.

Por baixo do jardim do segundo prédio, n.ºs 15 a 21, existe uma cisterna idêntica, e semelhantemente disposta, mas cuja entrada se faz pelo armazém da Fábrica de Cerveja situado ao lado da rampa da Rua do Alecrim; está servindo hoje de arrecadação. No jardim há um passadiço ou galeria que termina numa estufa ou mirante envidraçado construído sobre a própria muralha da cerca.

Reforço ou Contraforte da Muralha. — Num canto do armazém da Fábrica situado na rampa citada ainda pode observar-se um engrossamento de 1^m,5 da muralha, na extensão de uns 9^m, mas que se prolonga para o interior do prédio n.ºs 32 a 42 da Rua do Alecrim, o qual parece ser um reforço ou contraforte da muralha da cerca para resistência ao impulso das terras dos mencionados jardins.

Continuação da Muralha para o Sul. — No extremo sul do jardim do segundo dos citados prédios (n.ºs 15 a 21) deixa de se ver e de se poder identificar a muralha com segurança; mas, com a direcção que traz do norte, devia ela prosseguir no mesmo cordeamento, pelo sítio da fachada ocidental do palácio que foi do Marquês de Valença, até ao ponto onde esta faz um ângulo quase de 180°, cujo vértice está marcado na fachada por uma pilastra de cantaria.

Aí voltava a muralha para o nascente, formando o 4.º redente (que é o 3.º da Planta de Tinoco), e penetrava no terreno do palácio que foi do referido titular.

Até este 4.º redente, já no interior do Palácio, chegavam as Estrebarias de El-Rei, cujo terreno, dividido em lotes, foi vendido, depois do terremoto de 1755, a diversas pessoas.

Muralha no Interior do Palácio do Marquês de Valença. — Não existem vestígios certos deste troço do 4.º redente da muralha, nem do que lhe seguia para o sul, mas numa planta dos edifícios desse local nos princípios do século XIX, que eram então da Casa de Bragança, e que no Cartório dessa Casa em

tempos copiámos, edificios que depois foram da Fábrica de Cerveja, vê-se desenhado, no interior do palácio, um pequeno mas grosso troço de muralha, no sítio do redente, ao qual se seguia um maço de alvenaria com 26^m de comprimento, onde se achavam encaixados 6 fornos circulares de padaria (?), com a mesma direcção e situação que a muralha mostra na Planta de Tinoco, o que indica, com verosimilhança, serem aí o redente e o troço de muro que seguia para o sul, através do Palácio do Marquês de Valença, ou, no edificio actual, no sítio da parede ocidental do salão que foi botequim da Fábrica de Cerveja Jansen, na Rua António Maria Cardoso, hoje Refeitório do pessoal das Companhias Reunidas Gás e Electricidade.

Chegava o troço do muro até ao meio da fachada sul do edificio, que deita para a Esplanada Bragança, ao lado da actual porta de entrada para o 1.º andar, onde estão instalado os serviços técnicos das mencionadas Companhias.

No extremo sul deste troço virava a muralha para o nascente, até à fachada oriental do palácio, formando o 5.º e último redente (4.º da Planta de Tinoco), onde fazia um ângulo recto em direcção ao sul.

Palácio do Marquês de Valença, Conde de Vimioso. — Do Palácio do Marquês de Valença existem vistas anteriores ao terremoto de 1755, que foram publicadas, assim como outras notícias sobre o palácio, no nosso estudo sobre *Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa* ⁽³³⁾.

Ignora-se quando foi construído o palácio, que era uma propriedade mui vasta, ocupando o chão do actual edificio n.ºs 3 a 7 da Rua António Maria Cardoso, e cujas frentes deitavam para a Rua do Picadeiro ou do Tesouro (actualmente Rua António Maria Cardoso); para o terreiro onde foi a Fá-

⁽³³⁾ *Olisipo*, Boletim do Grupo Amigos de Lisboa, n.ºs 20 e 21, de Outubro de 1942 e Janeiro de 1943.

brica de Cerveja, do lado da Rua do Alecrim; e uma terceira para a Esplanada ou Terrasso Bragança, ao sul do edifício ⁽³⁴⁾. Parece-nos que também tinha uma ala ou jardim intramuros, que se prolongava para o norte ao longo da muralha da cerca, no sítio onde estão os jardins dos prédios n.ºs 15 a 29 da Rua António Maria Cardoso, entre estes prédios e a rampa de acesso à Fábrica de Cerveja, nesga de terreno que estabelecia a ligação com o palácio que o Conde tinha na Rua do Alecrim (n.ºs 32 a 54), e porventura com o seu picadeiro.

No andar térreo do edifício do palácio existem ainda muitos muros, nichos e galerias que desnorteiam quem pretenda pesquisar vestígios da velha muralha no seu interior.

Incêndio e Reconstrução do Palácio. — O palácio, ou Casas Grandes do Marquês de Valença, ardeu em 25 de Novembro de 1726 ⁽³⁵⁾.

Foi naturalmente reconstruído, sendo novamente queimado e arruinado pelo sismo de 1755 ⁽³⁶⁾.

Na reconstrução ficou com um aspecto mui mesquinho, só com dois andares, tanto para a Rua António Maria Cardoso como para o lado da Rua do Alecrim, e passou a ser alugado para diferentes aplicações.

Muralha de Suporte da Fábrica de Cerveja Jansen. — O lado ocidental do palácio devia assentar sobre um morro ou pequeno promontório que se aproveitou para fazer um terreiro com quintais e um poço, suportado tudo por uma grande mu-

⁽³⁴⁾ O palácio ficava compreendido entre a Rua do Alecrim, que pertencia à Freguesia da Encarnação, e a do Tesouro, que era da Freguesia dos Mártires. Mas como o Marquês tinha a cama num quarto do lado da Rua do Alecrim, considerava-se o palácio como pertencente ao distrito da Encarnação. — *Tombo de 1755, Bairro Alto*, fl. 87.

⁽³⁵⁾ *Gazeta de Lisboa*, n.º 48, de 28 de Novembro de 1726, pág. 384. — *Lisboa Antiga*, 1.ª parte, *O Bairro Alto*, 2.ª ed., vol. II, págs. 103 e 104

⁽³⁶⁾ *Memórias Curiosas*, etc., por Fr. Antonio do Sacramento, ed. de *A Feira da Ladra*, 1939, pág. 23. — *Historia Universal dos Terremotos*, por J. J. Moreira de Mendonça, 1758, pág. 129.

ralha que acompanhava quase paralelamente a fachada do edifício, desde o portão n.º 30 da Rua do Alecrim, onde começa a rampa de acesso a esse terreiro, até ao alinhamento do topo sul do Palácio, que deita para a Esplanada Bragança.

Esta muralha de suporte parece que era antiga, e acha-se representada na Planta de Tinoco (1650), mas somente na extensão de uns 70^m ou 80^m, desde o portão n.º 30 até à escada de pedra que vai actualmente da porta n.º 28 da dita rua para o terraço inferior, ou dos torreões, da Esplanada Bragança.

Foi provavelmente ela que estava mais avançada sobre a Rua do Alecrim do que as fachadas dos prédios que nesta rua existiam do lado oriental antes do terremoto de 1755, que determinou o actual alinhamento das novas fachadas dos prédios reconstruídos naquela rua.

Alienação das Propriedades do Marquês de Valença. — Todos os terrenos e construções que neste sítio haviam sido dos Marquêses de Valença, Condes de Vimioso, passaram, em data que desconhecemos, para a Casa de Bragança, que os alugou a várias firmas industriais e comerciais, e uma parte deles às Companhias Reunidas Gás e Electricidade, tendo acabado por aliená-los em 1940.

Muralha da Cerca Fernandina através da Esplanada de Bragança. — Na esquina sueste do Palácio do Marquês de Valença virava a muralha para o sul, no mesmo alinhamento da fachada oriental do mesmo palácio sobre a Rua do Tesouro (hoje Rua António Maria Cardoso), como o dá a entender a Planta de Tinoco.

No extremo sul do tramo existia uma torre da fortificação, e ao lado dela um postigo, como aquela desaparecidos e impossíveis de localizar no mapa, mas que, apoiando-nos na citada planta, marcámos conjecturalmente no nosso Mapa XII.

Postigo do Duque de Bragança. — Quase nada se sabe a respeito deste postigo e da torre que junto dele estava, no saliente que a cerca formava, antes de virar para o nascente.

O postigo ficava situado no topo inferior da Rua do Tesouro ou do Picadeiro, e dava saída da cidade para o sítio de Cata-que-farás, para o poente, e para N. S.^a do Loreto e S. Roque, para o norte.

Jorge Bráunio lá o representa na sua vista *Olissippo* (1596), completamente deformado: *Porta Ducis Bragãtiæ*, e menciona-o de fugida Frei A. da Conceição ⁽³⁷⁾.

Devia ser apenas uma simples porta aberta na muralha, com seus batentes de madeira (quando os tinha).

Em ambas as vistorias que se fizeram às muralhas de Lisboa na primeira metade do século XVII (1625 e 1650) propôs-se tapar o Postigo do Duque, na eventualidade de guerra ⁽³⁸⁾.

Torre do Conde de Vimioso. — Esta torre, desenhada na Planta de Tinoco no vértice do saliente sudoeste da cerca, devia ficar no terreno da Esplanada de Bragança, mas não conseguimos determinar exactamente o seu local.

Era a torre uma das balisas da Freguesia do Loreto (antecessora da actual Freguesia da Encarnação): *Casas e torre do Conde de Vimioso*, quando lhe foi assinado território em 24 de Janeiro de 1551, ao destacá-la da Freguesia dos Mártires ⁽³⁹⁾.

A transformação do local depois do terremoto de 1755 fez desaparecer a muralha, a torre e o postigo, sem deixarem vestígios, sendo possível que, se algum dia se fizerem excavações ou pesquisas no terreno da esplanada, venham a encontrar-se restos de tais obras, que permitam marcá-las rigorosamente na planta topográfica de Lisboa.

Esplanada de Bragança ou do Marquês de Valença — Ao sul e poente do Palácio do Marquês de Valença era o terreno

⁽³⁷⁾ *Demonstração Histórica*, 1755, pág. 198.

⁽³⁸⁾ *Elementos*, etc., tomo III, pág. 169. — *Idem*, tomo V, pág. 202.

⁽³⁹⁾ V. *O Carmo e a Trindade*, por G. de Matos Sequeira, vol. I, pág. 297.

mui acidentado, e formava uma colina bastante escarpada, e até, em alguns sítios, com rocha a descoberto e um tanto perigosa (40).

Depois do terremoto de 1755, com aterros e entulhos regularizou-se o terreno, formando-se um planalto ou terrasso em dois níveis, que foi conhecido por Terrasso ou Esplanada de Bragança, ou por várias outras designações, conforme o género de divertimentos ou espectáculos que nele se exibiam ou exploravam.

Prolongamento da Muralha de Suporte da Esplanada. —

Prolongou-se, no alinhamento que já trazia, a muralha de suporte destes aterros sobre a Rua do Alecrim, na extensão de mais uns 46^m, desde a porta n.º 28 desta rua até quase à actual Rua do Ferregial de Baixo, onde um troço faz volta em ângulo recto para o nascente, e serve também de parede de fundo ou de encosto aos prédios que nesta rua se construíram do lado norte até à Rua do Alecrim.

Entre a parte nova e a antiga da muralha fica uma escadaria com a porta n.º 28 na Rua do Alecrim, que conduz desta rua ao terraço inferior, ou dos torreões, da Esplanada de Bragança.

Rua do Picadeiro ou do Tesouro. — A rua que contorna pelo oriente este quarteirão de casas que estamos considerando, atravessado longitudinalmente de norte a sul pela muralha da Cerca de D. Fernando, chamou-se Rua do Duque (41) ou do Paço do Duque (42) (de Bragança), por estarem nela situados os Paços do Duque de Bragança; depois, Rua do Picadeiro (43), ou do Picadeiro das Portas de S.^{ta} Catarina, por ter para ela uma, ou mais portas de entrada, o picadeiro que existiu no local dos jardins do Palácio Farrobo, como dissemos.

(40) *Tombo de 1755, Bairro do Remolares*, fl. 75 v.

(41) *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pág. 19.

(42) *Corografia Portuguesa*, tomo III, 1712, pág. 454. — *Mappa de Portugal*, pelo P.^o J. B. de Castro, tomo III, 1763, pág. 379.

(43) *Tombo de 1755, Bairro do Remolares*, fl. 89.

Também se lhe chamou, posteriormente à Restauração de Portugal em 1640, Rua do Tesouro, por estar nela situado o tesouro da Casa de Bragança, de que mais desenvolvidamente trataremos adiante.

Depois do terremoto de 1755 passou a ser Sítio ⁽⁴⁴⁾, Rua, e Travessa do Tesouro Velho, que acabou por se fixar em Rua. Em 1890 recebeu o nome, que hoje conserva, de António Maria Cardoso ⁽⁴⁵⁾.

Jardins do Palácio Farrobo. — Depois do terremoto de 1755 o aspecto da rua transformou-se completamente. Construíram-se nela os jardins do Palácio Farrobo, ocupando uma frente de 89^m; junto ao portão da entrada construiu-se, por 1853, um tanque ou Chafariz com 4 bicas, que foi demolido cerca do ano 1916.

Chiado Terrasse. — Ao norte dos jardins está situada uma casa de espectáculos chamada Chiado Terrasse, construída em 1905; funcionou primeiramente ao ar livre, e foi reedificada em 1910 como salão para exibições cinematográficas, conquanto, por vezes, tenha servido para outros espectáculos.

Rua do Alecrim. — Do lado ocidental do mesmo quarteirão de casas corria na direcção norte-sul uma via pública, cujos extremos eram as Portas de S.^{ta} Catarina e o Postigo do Duque ou a Travessa de Cata-que-farás, um pouco ao norte da actual Travessa do Alecrim.

Este caminho era primitivamente designado por várias perífrases; Rua que vai da Porta de S.^{ta} Catarina para Cata-que-farás ⁽⁴⁶⁾ Rua que vai de N. S.^a do Loreto para as casas

⁽⁴⁴⁾ *Regulação para o Estabelecimento da Pequena Posta*, 1801, pág. 70. — *Itinerario Lisbonense*, por Paulino de Moraes, ed. de 1804, pág. 90.

⁽⁴⁵⁾ Edital de 6 de Fevereiro de 1890.

⁽⁴⁶⁾ *Tombo de 1573*, livro 1.^o, fl. 367.

do Conde de Vimioso (47), ou para o Postigo do Duque (48), ou simplificadaamente Rua do Postigo do Duque (49).

Devido a um dos ilustres proprietários e moradores da rua, o Marquês de Valença, ter sido homenageado com o título de Conde de Vimioso (2 de Fevereiro de 1516), a via pública foi também chamada Rua do Conde (*de Vimioso*). E mais tarde, quando nela se construiu a ermida com a invocação de N. S.^a do Alecrim (1641), esta denominação passou para a rua, Rua do Alecrim (50), que conserva.

Posteriormente ao terremoto de 1755 ainda se pretendeu dar-lhe o nome de Rua Nova das Duas Igrejas (51), o que não vingou.

Depois do terremoto regularizou-se a Rua do Alecrim, desaparecendo o barrocal que caía sobre os actuais Largo e Rua do Corpo Santo, e construiu-se o arco de elegante traça, Arco de S. Paulo, para vencer o desnível entre as ruas da praia e o sítio onde terminava então a Rua do Alecrim.

Passadiço que Vai para o Postigo do Duque. — Antes do terremoto de 1755 considerava-se como uma artéria única a rua que, ao longo da cerca fernandina, ia das Portas de S.^{ta} Catarina até ao Postigo do Duque. O troço desta rua que começava no Postigo e ia desembocar na actual Rua do Alecrim não tinha designação privativa, e para o nomear usava-se duma perífrase: Rua ou Passadiço que vai para o Tesouro (52).

(47) *Livro do Lançamento e Serviço*, etc., 1565, fl. 347.

(48) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fls. 365 e 366.

(49) *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pág. 22.
— *Livro do Lançamento e Serviço*, etc., 1565, fl. 291 v.

(50) *Corografia Portuguesa*, pelo P.º A. C. da Costa, tomo III, 1712, pág. 473.

(51) *Planta da Freguesia de N. S.^a da Encarnação*, pelo Sargento-Mor José Monteiro de Carvalho, no *Livro das Plantas das Freguesias de Lisboa*.

(52) *Tombo de 1755, Bairro do Remolares*, fl. 75 v.

Este troço de via pública tinha um traçado anguloso e mal definido ⁽⁵³⁾ sobre a rocha por que a colina é constituída, e ia entroncar na Rua do Alecrim no sítio, ou perto, da porta n.º 28 desta rua. No lado sul desta vereda havia em 1573 umas casas e chãos da Cidade, cuja planta e medidas do *Tombo* são hoje incompreensíveis.

Calçada de Cata-que-farás. — No seguimento desta artéria para o poente, do lado ocidental da Rua do Alecrim, havia antes de 1755 uma rua com traçado semi-circular, que ia desembocar em baixo na Rua Direita de S. Paulo.

Chamava-se, antes do terremoto de 1755, Calçada de Cata-que-farás ⁽⁵⁴⁾, ou da Cruz de Cata-que-farás ⁽⁵⁵⁾.

Depois do terremoto a via pública em escadaria que a substituiu foi denominada Travessa de Cata-que-farás ou de Catefarás ⁽⁵⁶⁾, até 1885, em que o nome foi mudado em Travessa do Alecrim ⁽⁵⁷⁾, que conserva.

⁽⁵³⁾ *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 371.

⁽⁵⁴⁾ *Tombo de 1755, Bairro do Remolares*, fl. 80. — *Corografia Portuguesa*, por A. Carvalho da Costa, tomo III, 1712, pág. 483.

⁽⁵⁵⁾ *Tombo de 1755, Bairro do Remolares*, fls. 82 e 85.

⁽⁵⁶⁾ *Itinerário Lisbonense*, por I. Paulino de Moraes, 1.ª ed., 1804, pág. 65.

⁽⁵⁷⁾ Deliberação camarária e edital de 31 de Dezembro de 1885.

LANÇO MARGINAL OCIDENTAL

DO POSTIGO DO DUQUE
AO POSTIGO DOS MÁRTIRES

MAPA XIII

Dificuldade do Estudo do Traçado da Cerca. — Do Postigo do Duque continuava a cerca fernandina o seu trajecto para nascente, e depois virava para o sul a ligar-se com outra porta da cidade chamada Postigo das Fontainhas ou dos Mártires.

As dificuldades topográficas continuam aqui, porque as plantas que existem não se podem fazer coincidir, e os documentos são tão confusos que não permitem definir de maneira irrefutável todo o traçado do lanço entre os dois mencionados postigos.

Disposição Orográfica do Terreno. — O terreno formava antigamente neste local um outeiro rochoso e escarpado, nos seus lados sul e poente, como dissemos, que nalgumas partes tinha mesmo a rocha a descoberto.

O bordo da ribanceira é hoje difícil de definir, mas parece que acompanhava aproximadamente o traçado do muro de suporte que actualmente forma o fundo dos prédios do lado norte da Rua do Ferregial de Baixo.

Esse muro, de construção posterior ao terremoto de 1755, pelo menos em parte, parece ter sido feito para regularizar a superfície da ribanceira, e evitar o desprendimento de pedras ou de blocos de rocha sobre os prédios que se construíram encostados a ele.

No cimo do terreiro que o outeiro forma, próximo do escarpado, foi construído um edifício que, por motivo de nos servir de referência vamos mencionar já. É o edifício do Hotel Bragança, onde funcionam hoje os escritórios das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, construído no local onde, antes do terremoto de 1755, existiu um edifício chamado O Tesouro (da Casa de Bragança).

Rua de Cima. — Antes de 1755 havia uma rua a meia encosta denominada Rua de Cima, antecessora da actual Rua do Ferregial de Baixo, cujos prédios do lado norte ficavam no sopé da ribanceira, num nível mais baixo do que o montículo onde estava a Torre do Conde de Vimioso e o Postigo do Duque de Bragança, mas num nível superior ao da antiga Rua Direita de S. Paulo, no troço que corresponde à actual Rua do Corpo Santo.

Ao beco que a Rua de Cima formava no seu extremo ocidental chamava-se O Espigão, no século XVIII ⁽¹⁾.

Desenhámos no nosso Mapa XIII os prédios do lado norte da Rua de Cima, bem como os das Ruas da Pelada e das Fontainhas, com elementos extraídos do *Tombo de 1755* ⁽²⁾, mas devemos confessar que não ficámos satisfeitos com essa reconstituição, porque alguns dados topográficos do *Tombo* são difíceis de compreender e de passar ao desenho, na falta de uma planta topográfica *exacta* do local.

⁽¹⁾ *Corografia Portuguesa*, pelo P.º A. Carvalho da Costa, tomo III, 1712, pág. 483.

⁽²⁾ *Tombo de 1755, Bairro do Remolares*, fls. 72, 249 v. e 256 v.

Que a ribanceira era muito áspera deduz-se da descrição de vários prédios da Rua de Cima:

N.º 12. Casas de F. — *Tinham de fundo pela rocha acima, tudo o que dista até à Rua ou Passadiço que vai para o Tesouro pelo pé das Casas do Marquês de Valença* (Rua que vai para o Postigo do Duque);

N.º 13. Casas de F. — *Tinham de fundo tudo o que dista até à rocha, que é incerto por se não poder medir em razão do perigo;*

N.º 14. Casas de F. — *Parte o seu fundo com a muralha ou rocha confinante, o qual se não expressa por se não poder medir.*

Conjectura sobre a Muralha desde o Postigo do Duque até ao Extremo Oriental do Hotel Bragança. — Parece que a muralha atravessava o chão do edificio do Tesouro (Hotel Bragança), à beira do barrocal; mas é possível até, em consequência da altura e disposição do terreno, que tivesse sido dispensada a construção do troço de muralha da cerca desde o Postigo do Duque até à esquina sueste da Casa do Tesouro, ou que se tivesse aí levantado simplesmente um muro de vedação, que o Architecto Tinoco desenhou para não deixar interrompida a linha da muralha de cintura da cidade.

O antigo Hotel Bragança não assenta senão o seu cunhal sueste sobre a muralha; as suas paredes devem estar fundadas sobre o banco de rocha que constitui o outeiro.

Torre a Meio deste Tramo da Cerca. — A Planta de Tinoco (1650) mostra neste sítio um traçado rectilíneo da muralha, que adoptámos, a meio do qual está desenhada uma torre.

Nada encontrámos que nos permitisse fixar exactamente a situação desta.

Ao nascente do edificio do Hotel Bragança existe um pequeno largo, no qual começa inferiormente a Rua da Luta, e a ele fica contíguo, da banda do sul e ao mesmo nível, o terrasso de cobertura do prédio que tem os n.ºs 22 e 24 na Rua do Ferregial de Baixo. O muro de suporte deste largo, ou banco

de rocha em que ele assenta, apresenta, do lado exterior da cerca, ao fundo do citado prédio n.º 22, uma pequena protuberância, que, se não era um contraforte natural ou feito para consolidação da rocha ou da muralha, talvez fosse a torre que Tinoco representou na sua Planta de Lisboa.

É todavia possível que a torre fosse constituída pelo próprio prédio. Seria ela assim um cubelo oco, como outros que existem nas muralhas. Adiante voltaremos a tratar deste conjectural cubelo da cerca.

Traçado da Muralha desde o Canto Sueste do Hotel Bragança até ao Postigo das Fontainhas. — Nesta extensão formava a muralha da cerca um ângulo obtuso reinterante para o exterior da cidade, a meio do seu comprimento.

Este troço da muralha foi estudado e desenhado com o auxílio da Planta de Tinoco (1650) e de elementos colhidos no *Tombo de 1755* (3), consistindo nas medidas das propriedades das desaparecidas Ruas da Pelada e do Jasmim.

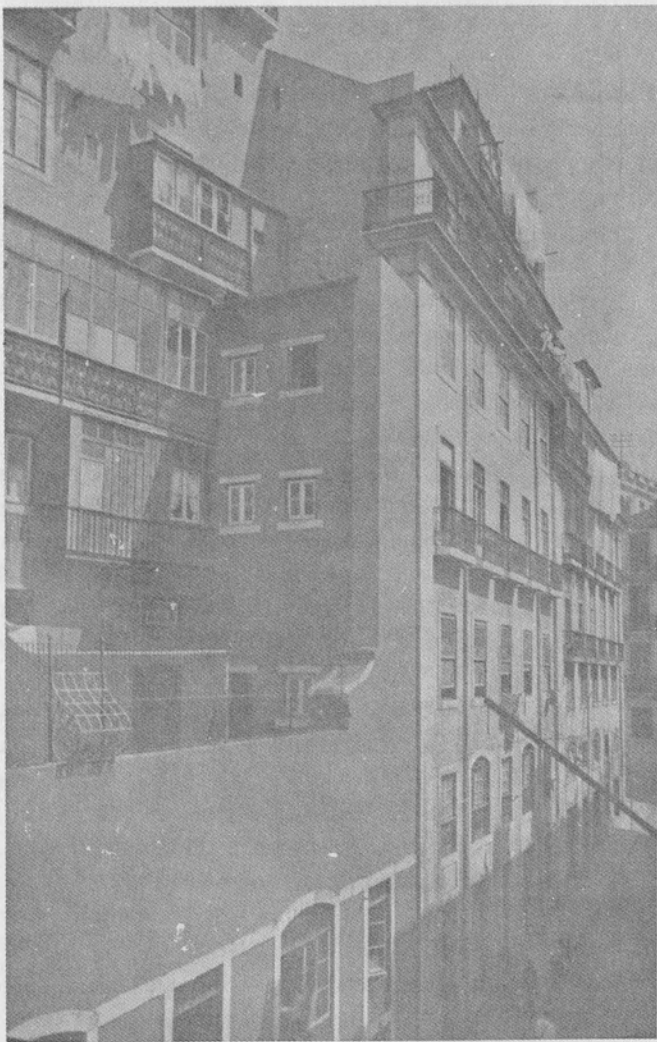
Travessa da Rua da Pelada. — O edifício do Tesouro, antes do sismo de 1755, deitava, do seu lado oriental, para uma pequena Travessa da Rua da Pelada (4) que topejava com o muro da Cidade, e na qual havia em 1573 uma casa e chão que assentavam sobre um *penedo* (5). As confrontações e medidas do *Tombo de 1573* são porém tão confusas, que apenas delas se pode deprender que a casa era a primeira a contar do extremo ocidental da Rua da Pelada, cujo local corresponde, na actual Lisboa, ao lado sul do pequeno largo ao nascente do edifício do Hotel Bragança, como se vê no nosso Mapa XIII.

É natural, por isso, que este Largo, assim como as fachadas dos prédios que dos lados ocidental e oriental deitam sobre ele, como até a fachada sul do edifício do Hotel Bragança, e

(3) *Tombo de 1755, Bairro do Remolares*, fls. 252 v. e 253 (7.ª e 8.ª propriedades), e fl. 254 (2.ª propriedade).

(4) *Tombo de 1755, Bairro do Remolares*, fl. 246.

(5) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 328 v.



**TRECHO DE MURALHA DA CERCA
ENTRE AS RUAS VÍTOR CORDON E DO FERREGIAL DE BAIXO**

Os dois muros do prédio da esquerda,
sito na Rua Vítor Cordon, n.º 35 a 39, e que formam um recanto,
assentam sobre a muralha da cerca.

Esta atravessava a rua no sítio da alta pilastra da cantaria,
entre a última janela, n.º 12, do muro da esquerda, e a primeira porta
do prédio alto do centro da vista, n.º 10-A
da Rua do Ferregial de Baixo

TABLEAU DE LA SITUATION DE LA
VILLE DE PARIS LE 15 JANVIER 1914

Le tableau ci-dessous indique la situation de la ville de Paris le 15 janvier 1914. Les chiffres sont exprimés en nombre d'habitants.

Catégorie	Nombre d'habitants
Total	2 200 000
Hommes	1 100 000
Femmes	1 100 000
Enfants	200 000
Étrangers	100 000
Parisiens	2 100 000

Le tableau ci-dessous indique la situation de la ville de Paris le 15 janvier 1914. Les chiffres sont exprimés en nombre d'habitants.

mesmo todo-este, assentem sobre o tal *penedo*, que não é senão o banco de rocha calcária que forma o outeiro.

Da Esquina Sueste do Edifício do Tesouro à Rua do Ferregial de Baixo. — O primeiro troço da cerca fernandina que nasce deste pequeno largo da Rua da Luta é o próprio muro que forma o fundo do prédio n.ºs 12 a 20 da Rua do Ferregial de Baixo, e sobre que assenta o muro de tardoz do prédio n.ºs 35 a 39 da Rua Vítor Córdon. Entre as portas n.ºs 10^A e 12 da Rua do Ferregial de Baixo bem se conhece o topo cortado a prumo da muralha aí interrompida.

Da Rua do Ferregial de Baixo ao Postigo dos Mártires. — A cerca atravessava em seguida a Rua do Ferregial de Baixo, entre as portas n.ºs 7 e 9 desta rua, seguindo através do quarteirão até ao sopé do outeiro, ou até à actual Calçada do Ferregial, entre as portas n.ºs 13 e 15.

Porta ou Arco dos Mártires ou das Fontainhas. — Neste sítio abria-se na muralha a Porta, Postigo ou Arco das Fontainhas ou das Martês (Mártires), ou Postigo que sobe do Corpo Santo para S. Francisco (6), o qual ficava próximo do começo da actual íngreme Calçada do Ferregial, talvez ao nível da Travessa do Cotovelo, dando saída do sítio de S. Francisco da Cidade para o antigo Largo do Corpo Santo ou do Corte Real.

Beco do Jasmim. — Do lado de dentro da cidade havia aí uma íngreme rua chamada Rua ou Beco do Jasmim (7), na direcção aproximadamente norte-sul, com 49v.3,5p. (54^m,71) de comprimento.

Inseria-se em cima na Rua da Pelada, e findava em baixo ao fundo da Rua das Fontainhas, à *entrada do Arco por que se sahe para o Largo do Corpo Santo, ou Postigo das Martês* (8) (Mártires), mas o seu traçado é difícil de compreender

(6) *Elementos*, etc., tomo III, pág. 169. Propô-se, na vistoria realizada em 1625, o seu entaipamento.

(7) *Tombo de 1755, Bairro do Remolares*, fl. 253 v.

(8) *Tombo de 1755, Bairro do Remolares*, fls. 253 e 260 v.

pelas indicações do *Tombo*, parecendo que a sua ligação inferior com a Rua das Fontainhas e da Barroca, incorporadas junto do postigo, se fazia por cima do troço do muro da cerca da cidade, onde se abria o Arco das Fontainhas, isto é, segundo as informações vagas que nos fornecem os *Tombo*s, infere-se que o troço inferior daquela Rua ou Beco do Jasmin era o próprio adarve ou caminho de ronda da muralha (9).

Rua sobre o Muro, chamam-lhe Fr. A. da Conceição e o P.º J. B. de Castro (10), e Travessa do Muro, o escrivão Bastião de Lucena (11) (1565).

Pátio de Bragança. — Depois de regularizado o terrapleno do outeiro, ficou, ao nascente da Esplanada de Bragança, um pequeno pátio, que nos princípios do século XIX era conhecido por Pátio do Marquês de Valença (12), e hoje por Pátio de Bragança.

Neste pátio, fechado com gradeamento do lado da Rua Vitor Cordon, está a entrada principal do edifício que foi o Hotel Bragança, que lhe fica ao nascente.

Do lado oposto deste edifício deixou-se, depois do terremoto de 1755, o pequeno largo já citado que constitue o começo inferior da Rua da Luta.

Paços dos Duques de Bragança. — Os Paços dos Duques de Bragança, ou Palácio da Casa de Bragança, ficavam no planalto do outeiro, no extremo sul do quarteirão de prédios com-

(9) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 331. — Diz o texto: *Termina-se, pelo lado do poente, esta Rua das Fontainhas, junto ao Arco chamado das Fontainhas, que sai para o Largo do Corpo Santo, incorporando-se a mesma rua com a da Barroca, que ambas se reúnem junto ao dito Arco, e ao pé da muralha deste, e para esta (rua da Barroca) ha um corredor ou passadiço que vai sair ao Beco do Jasmin. Tombo de 1755, Bairro do Remolares, fl. 260 v.*

(10) *Demonstração Historica*, pág. 420. — *Mappa de Portugal*, tomo III, ed. de 1763, pág. 379.

(11) *Livro do Lançamento*, etc., fl. 278.

(12) *Regulação para o Estabelecimento da Pequena Posta*, 1801,

preendidos entre as Ruas António Maria Cardoso, Vítor Córdon e da Luta. Ao sul dos Paços corria, antes do terremoto de 1755, uma rua sem nome, que tinha aproximadamente a direcção e a extensão do troço ocidental da actual Rua Vítor Córdon.

Esta rua separava dos Paços o edifício do Tesouro, que lhe ficava ao sul.

Tesouro da Casa de Bragança. — O edifício chamado Tesouro ou Casa do Tesouro ficava defronte dos Paços, do outro lado da citada rua inominada, quase à beira do escarpado do outeiro. Servia, como se sabe, de arrecadação das preciosidades da Casa Ducal de Bragança, depois do Duque D. João ter sido aclamado Rei de Portugal.

Este estabelecimento legou o nome à Rua que hoje se denomina António Maria Cardoso, e que antigamente era Rua do Picadeiro, ou Rua do Tesouro, ou do Tesouro Velho.

Jardim dos Paços dos Duques de Bragança. — Ao sul da Casa do Tesouro ficava contíguo, talvez à beira do escarpado, um *jardim estreito, segundo a forma, de resto irregular, da montanha que sustenta este edifício* (do Tesouro); tinha a forma triangular em planta, com um ângulo mui agudo ⁽¹³⁾.

Devia ser no sítio do estreito pátio que hoje existe entre o edifício do Hotel e o muro de tardo dos prédios n.ºs 26 a 34 da Rua do Ferregal de Baixo.

Hotel Bragança.—No local que aproximadamente ocupava a Casa do Tesouro construiu-se, por meados do século XIX, parece que já com destino a hospedaria, pois que como tal funcionava em 1845, o edifício que primeiro se chamou Hospedaria de Bragança, e depois Hotel Bragança, actualmente alugado às Companhias Reunidas Gás e Electricidade, onde estas têm instalados parte dos seus serviços de Administração.

(13) *Tombo de 1755, Bairro do Remolares*, fl. 94 v. — As medidas que constam do *Tombo* são incompreensíveis.

Casa de Pasto do Isidro. — Da lado sul da muralha fernandina havia um edifício, encostado ao muro de suporte do Hotel Bragança e do pequeno largo que lhe fica ao oriente, que resistiu ao terremoto de 1755 e aos planos de remodelação da cidade depois do cataclismo; era situado na Rua de Cima (anterior a 1755) e tem actualmente na Rua do Ferregial de Baixo os n.ºs de polícia 22 a 30.

É constituído por dois prédios ⁽¹⁴⁾ com lojas e dois andares, cujos compartimentos são todos abobadados; tinha e tem de frente 23v.4,7p. (26^m,33), e de fundo da parte esquerda 11v.3,1p. (12^m,78), e da direita 12v.3,6p. (13^m,99); a escada fica intermédia aos prédios (n.º 26 do polícia), dando serventia a ambos.

Neste edifício, que pertence à Casa de Bragança, esteve instalada, na primeira metade do século XIX, uma afamada hospedaria e casa de comidas, conhecida por Casa de Pasto do Isidro.

Conjectura sobre a Torre deste Lanço da Cerca. — A forte espessura das paredes (1^m,70) destas casas, aliada à sua situação a meio do lanço que estamos considerando, pode fazer lembrar que seria esta a torre da cerca que Tinoco desenhou na Planta da Cidade de Lisboa (1650). Se assim acontecia, as suas disposições divergem das de todas as outras torres conhecidas.

Terminação do Lanço Marginal Ocidental da Cerca. — Acabava no Postigo dos Mártires ou Arco das Fontainhas o lanço ocidental marginal da cerca de D. Fernando, que nos propunhamos estudar, pois que a sua continuação para o oriente consta do nosso trabalho sobre as *As Muralhas da Ribeira de Lisboa* ⁽¹⁵⁾, de que o presente é continuação.

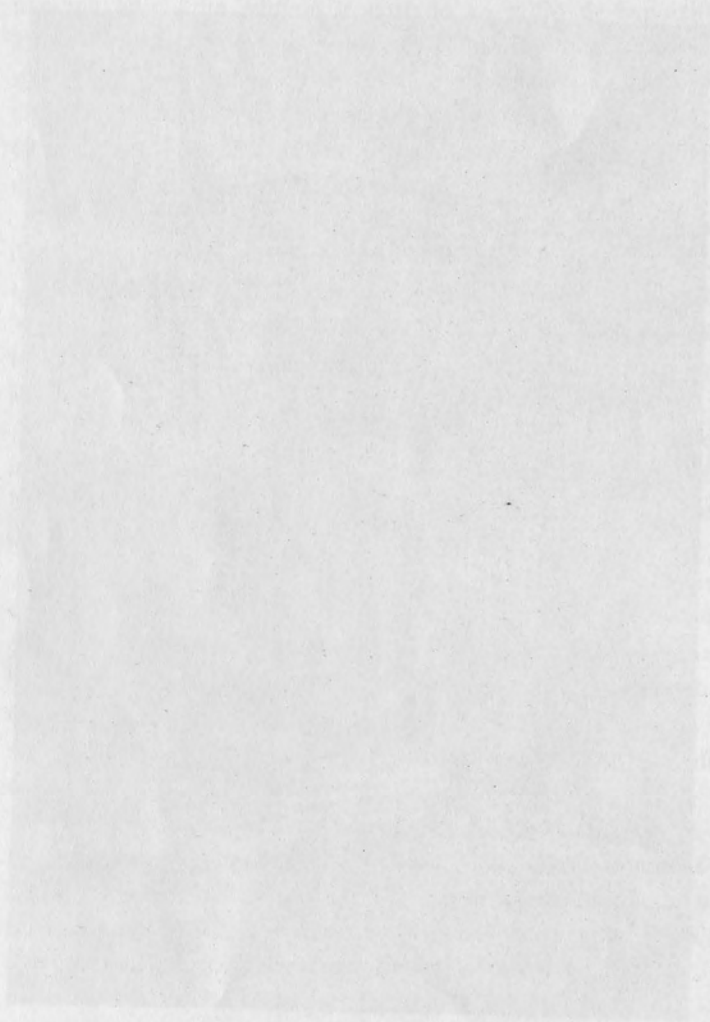
⁽¹⁴⁾ *Tombo de 1755, Bairro do Remolares*, fl. 72.

⁽¹⁵⁾ 1.ª ed., 1900. — 2.ª ed., 1.º vol., 1940; 2.º vol., 1941.



ARCO DE S.^º ANDRÉ DA CERCA FERNANDINA
Visto do nascente para poente

Foto A. Bácia.



MEMOIRE DE M. ANDRE DE COURCELLES

PAR M. ANDRE DE COURCELLES

PARIS, CHEZ M. LAURENCE, AU SALON DE LA BIBLIOTHEQUE NATIONALE, 1844.

LANÇO ORIENTAL

DO CASTELO DE S. JORGE
A PORTA DE S.^{TO} ANDRÉ

MAPA XIV

Elementos do Estudo. — Para o estudo do lanço oriental da cerca fernandina tivemos de nos encostar à *Planta da Cidade de Lx.^a*, de J. Nunes Tinoco (1650), pois que, conquanto este architecto tenha fantasiado por vezes o traçado da cerca, é ela o único documento gráfico de que dispomos mais próximo da época em que as muralhas começaram a ser demolidas e ficar ocultas por edificações que a elas se encostaram ou que sobre elas se levantaram.

Inserção do Lanço Oriental no Castelo. — Inserir-se a primeira quadrela deste lanço da cerca fernandina numa desaparecida torre sita no vértice do saliente nordeste do recinto do Castelo de S. Jorge, conforme mostra a planta de Tinoco.

Essa torre da Praça Nova do Castelo, que ficava intermédia à torre dos sinos da Igreja de S.^{ta} Cruz do Castelo, e à que ainda se conserva, pegada às muralhas do castelo, bem que um tanto desaprumada, parece que ainda permanecia em 1831, entre as muralhas derrubadas que a ligavam àquelas duas torres (1). Os muros que lá vemos são claramente reconstruções.

(1) V. *Carta Ichonographica do Castelo de S. Jorge*, em Gabinete de Desenhos da Direcção da Arma de Engenharia. Cota: Arm. 1, pasta 23, desenho n.º 2.240.

Primeiro Troço Descendente. — O primeiro troço da cerca descia pelo monte do Castelo até ao sítio do Arco de S.^{to} André, onde começa o córrego do vale que os montes do Castelo e da Graça formam.

A muralha, desaparecida, seguia a linha de muros divisórios de casas e de quintais da encosta, formando um redente a meio do trajecto, como mostra a planta de Tinoco e representámos no nosso Mapa XIV.

Passo de S.^{to} André. — Junto ao Arco de S.^{to} André, no topo superior da Calçada deste nome, talhou-se em 1622 no muro da cerca, da banda de fora da cidade, um dos nichos dos Passos ou Estações da Procissão dos Passos do Senhor, que em 1699/702 foi reformado com a forma de capela encostada ao muro, munida de um altar com retábulo. Não tendo sofrido qualquer ruína pelo terremoto de 1755, nem grande injúria do tempo nem dos homens, ainda se conserva como foi restaurada ⁽²⁾, tendo o portal na Calçada de S.^{to} André o n.º 166 de polícia.

O Passo está à face com a fachada do prédio que tem as portas n.ºs 164 e 168 para a referida Calçada, e cuja frente principal é para o Largo Rodrigues de Freitas, n.º 19 a 21, prédio que se tem pretendido identificar como aquele em que num dos andares nasceu, em 1 de Março de 1647, D. João Bosco, há pouco canonizado.

O troço de muralha da cerca, cujo comprimento se acha reduzido hoje à largura da capela do Passo, de que forma o fundo, não é o muro da fachada deste prédio da Calçada de S.^{to} André, pois que este fica 2^m à frente da muralha.

Porta de S.^{to} André. — A Porta ou Postigo de S.^{to} André ou da Avé-Maria ficava situada no alto da Calçada de S.^{to} André, no estrangulamento onde esta se liga com a Calçada da Graça, e fronteira à Costa do Castelo.

40 (2) *Nosso Senhor dos Passos da Graça*, pelo P.^e Ernesto Sales, 1925, págs. 122 e 120.



PASSO DA PROCISSÃO DOS PASSOS DA GRAÇA
NA CALÇADA DE S.^{TO} ANDRÉ

Entre a parede do Passo e o cunhal de pedra almofadada
do prédio fronteiro, Palácio do Conde da Figueira,
estava situada a Porta, depois Arco, de S.^{to} André

Foto Ed. Portugal.

O nome de S.^{to} André é devido à invocação da igreja que lhe ficava mais próxima, hoje desaparecida, situada no Largo de S.^{to} André, da qual se podem ver ainda alguns vestígios num pátio com entrada pelo n.º 6 da Travessa do Açougue à Graça.

Do Palácio dos Mendoças, depois Condes da Figueira, vinculado ao Morgado da Avé-Maria, que ficava contíguo à porta, proveio-lhe a denominação de Postigo da Avé-Maria, por que também era conhecida.

Notícias Acerca da Porta. — A Planta de Tinoco mostra-a dupla, isto é, constituída por dois vãos de portas quase juntos, com disposição semelhante à das Portas da Ribeira no Terreiro do Paço, e às do Chafariz de Dentro. Supomos, porém, que não era assim a sua verdadeira estrutura.

O muro sobre o Arco tinha um pequeno terraço ou varanda pertencente ao contíguo Palácio da Avé-Maria, pelo qual se fazia o acesso.

Na vistoria que em 1625 se fez aos muros da cidade propôs-se tapar o Postigo e reformar as ameias que faltavam nessa parte do muro. Em 1650 tinha portas com ferrolho e fechadura (3).

Demolição da Porta. — Em 1673 propôs-se tirar a porta e o muro que estava sobre ela, para desimpedir a entrada da rua, o que se julgava preferível a alargar sòmente o arco da porta (4).

De facto, a porta foi tirada e transformada em arco, porventura nesse ano, mas não se demoliu então o muro em que se achava, o que só veio a realizar-se 240 anos mais tarde, em Junho de 1913, com o fim de se melhorar a passagem dos

(3) *Elementos*, etc., tomo III, pág. 165. — *Idem*, tomo V, pág. 202.

(4) *Elementos*, etc., tomo VII, págs. 441 e 455.

carros eléctricos da carreira de S. Tomé, apesar das reclamações da opinião pública, de que se fez eco a Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Inscrição no Muro da Porta. — Por cima do fecho do Arco, da banda de fora ou do poente, achava-se gravado numa pedra o Elogio da Conceição da Senhora, igual ao que estava (e ainda está, 1948) na parede sobre o Arco do Marquês de Alegrete.

Essa inscrição, quando se demoliu a muralha, foi levada para o Museu da referida Associação, no Largo do Carmo.

DA PORTA DE S.^{TO} ANDRÉ AO ADRO DA GRAÇA

MAPA XV

Lanço da Cerca que Começava no Arco de S.^{to} André. — Na Porta de S.^{to} André começava um lanço ascendente da cerca até ao Largo da Graça.

O architecto Tinoco desenhou, na sua Planta de Lisboa (1650), apenas três troços deste lanço, com dois redentes intermédios, e destacado da muralha da Porta de S.^{to} André, eliminando assim o muro que devia estar então ainda de pé, que ligava o lanço ali desenhado com o muro da porta da cidade.

Os troços da Planta de Tinoco correspondiam à muralha ao longo da Calçada da Graça até ao sítio do Caracol da Graça.

Daí para cima a muralha desapareceu completamente até ao Convento da Graça, que contornava, e só torna a mostrar-se próximo do extremo norte deste edificio, como diremos.

Corregimento deste Lanço da Cerca. — O lanço até ao Largo da Graça, assim como o que se lhe seguia desde este Largo até S. Vicente-de-Fora, parece que eram de construção ordinária, pois que passados 135 anos sobre a conclusão da cerca, já se tratava de lhe fazer uma grande reparação.

Começou esta no lanço do Largo da Graça até ao Postigo do Arcebispo no Campo de S.^{ta} Clara, mas a reparação ficou

tão mal feita que foi ordenada uma vistoria, em 16 de Outubro de 1509, aos consertos executados no muro, tendo-se mandado aos peritos que procedessem também à avaliação dos trabalhos a efectuar no resto do muro, entre S.^{to} André e a Graça, para se dar de arrematação o seu corregimento (5).

Quer os consertos no lanço da cerca de S.^{to} André à Graça se tivessem feito, quer não, o certo é que na primeira metade do século XVII estava ele ou continuava tão arruinado, e até caído, que numa vistoria realizada em 1650 propô-se acudir-se-lhe logo e encamisarem-no (6) (*encascarem-no ou engrossarem-no*). A reparação efectuada então neste lanço do muro, desde o Postigo do Caracol da Graça até à Avé-Maria ou Postigo de S.^{to} André, estava concluída em Outubro daquele ano, e importou em 185\$000 réis (7).

Vazadouro e Pedreira junto deste Troço da Cerca. — Era junto deste troço do muro um dos locais destinados pelo Senado em 1683 para se lançarem os entulhos (8), chegando estes, por vezes, a estar tão *abarbados* com o muro que era preciso removê-los.

Junto da muralha havia uma pedreira que oferecia perigo, o que suscitou, em 1712, providências para a sua segurança (9).

Várias Reparações deste Troço da Cerca. — Em 1712 mandou o Senado da Câmara demolir a muralha ao longo da Calçada da Graça, por ser *muito antiga, e parte d'ella em perigo de arruinar-se*, e bem assim construir aí uma cortina com seu parapeito, como se havia feito no sítio de S. Pedro de Alcântara.

Foi a obra embargada pelo Mestre de Campo General, do que resultou ficar parada, e a calçada embaraçada com os

(5) *Corpo Chronologico*, parte 1.^a, maço 8, documento n.º 46.

(6) *Elementos*, etc., tomo V, pág. 203.

(7) *Elementos*, etc., tomo V, pág. 205, nota.

(8) *Elementos*, etc., tomo VIII, págs. 507 e 510.

(9) *Elementos*, etc., tomo XI, pág. 10 e 21.

desmanchos e materiais da demolição, o que dificultava a passagem da Procissão do Senhor dos Passos ⁽¹⁰⁾.

O Rei D. João V mandou em 1713 que fosse reconstruído o muro, que estava sendo demolido ⁽¹¹⁾, e alguns anos mais tarde um dono do Palácio dos Condes da Figueira alegou que esse troço com a extensão de 85^m, correspondente à fachada oriental do palácio, havia sido doado, em 1 de Março de 1717, por aquele monarca ao proprietário do palácio ⁽¹²⁾.

Palácio dos Condes da Figueira ou da Avé-Maria. — Ao lado do Arco de S.^{to} André começava um pequeno troço de muro na direcção poente-nascente, sobre o qual assentou a fachada principal do Palácio dos Condes da Figueira que deita para o largo por que começa a Calçada da Graça.

Da banda de fora da cidade mostra aí a Planta de Tinoco (1650) umas casinhas que já existiam em 1563, e que foram vinculadas ao Morgado da Avé-Maria de S.^{to} André, instituído por João de Mendoça em 1578.

Estas casas, situadas no Sequeiro de S.^{to} André, que era a denominação da encosta desde o Largo e Calçada da Graça até à Calçada de S.^{to} André, foram as antecessoras do Palácio dos Condes da Figueira, fundado em data que desconhecemos (fins do século XVII?).

A propriedade dos Mendoças da Avé-Maria parece que se estendia desde o palácio até ao fim do seu jardim, do lado da Calçada da Graça, na extensão de 85^m, e até ao prédio n.^{os} 24 a 32 da Calçada de S.^{to} André.

Praza da Basílica de S.^{ta} Maria no Sequeiro de S.^{to} André. — Daí para o norte ficam uns terrenos que no meado do século XVI estavam aforados à Obra da Basílica de S.^{ta} Ma-

⁽¹⁰⁾ *Elementos*, etc., tomo X, pág. 586.

⁽¹¹⁾ *Elementos*, etc., tomo XI, pág. 27.

⁽¹²⁾ *Cartório da Casa dos Condes da Figueira*, n.^o 3, S.^{to} André, documento s/d. (1760). — *Idem*, n.^o 4, S.^{to} André, fls. 3 e 97....

ria ⁽¹³⁾. Este terreno aforado à Sé, segundo a demarcação mandada fazer pelo Cabido em 1563, media de frente 72v. (79^m,2), *a contar do Postigo do Caracol da Graça, descendo pela Calçada.*

Actualmente o terreno deste praso, ao longo da Calçada até ao Caracol da Graça, está ocupado com 7 prédios de rendimento.

Postigo do Caracol da Graça. — Este postigo, que era uma das portas da cidade, estava situado no alto da via pública que conserva a mesma denominação, talvez ao fundo do seu pequeno troço superior, fronteiro ao terreiro do Largo da Graça onde está o jardim.

Na primeira metade do século xvi era designado por uma perífrase: Postigo do Serviço da Calçada das Olarias (1625), ou Postigo que desce para as Olarias (1650). Propôs-se; nas vistorias então realizadas, que fosse tapado ⁽¹⁴⁾.

Foi demolido depois do ano 1700 ⁽¹⁵⁾.

Muro do Adro da Igreja da Graça. — Este muro, voltado ao ocidente, defronte da porta principal da igreja, e que possivelmente fazia parte da cerca fernandina, estava em 1625 caído pela encosta, e por motivos de defesa da cidade propôs-se a sua reconstrução, *e em sima, regulandosse com o muro velho* (da cerca de D. Fernando), *faser trincheira com sestois* ⁽¹⁶⁾.

⁽¹³⁾ Cartório da Casa dos Condes da Figueira n.º 3, S.º André.

⁽¹⁴⁾ *Elementos*, etc., tomo III, pág. 165. — *Idem*, tomo V, pág. 202.

⁽¹⁵⁾ *Demonstração Historica*, por Frei Apollinario da Conceição, 1750, pág. 208.

⁽¹⁶⁾ *Elementos*, etc., tomo III, pág. 165. — sestois = cestões, cestos de verga sem fundo, cujas varas se espetam no chão, enchendo-se os cestos com terra.

DO ADRO DA GRAÇA
AO POSTIGO DE N. S.^A DA GRAÇA

MAPA XVI

Igreja e Convento de N. S.^a da Graça e sua Cerca. — Do adro da Igreja da Graça entrava a cerca em terrenos do Convento desta denominação.

O Convento e a sua igreja começaram a fundar-se no ano 1271, segundo o P.^o A. Carvalho da Costa ⁽¹⁷⁾.

Chamou-se inicialmente Convento de S.^{to} Agostinho, e de 1305 em diante tomou o nome de N. S.^a da Graça, continuando os frades que o habitavam a ser Religiosos de S.^{to} Agostinho.

O Rei D. João III, por alvará de 14 de Maio de 1544, doou ao Convento da Graça a *Barbacan cava e cam.^o desde a Torre grande* (no topo noroeste do convento) *athe o topo do Dormitório daq.^{to} tempo, p.^a se vnir ao Conv.^{to} e fechar por aqu.^{la} p.^o a clauzura.*

A barroca e chãos da encosta e da planície, desde o convento até ao Largo e Rua das Olarias, onde era o Sequeiro e havia sido o Almocavar dos mouros, pertenciam ao Hospital Real de Todos os Santos; este cedeu tudo ao convento, nos meados do século XVI, ficando a constituir a sua cerca, em troca dumas casas de que o convento era proprietário ⁽¹⁸⁾.

⁽¹⁷⁾ *Corografia Portuguesa*, tomo III, 1712, pág. 356.

⁽¹⁸⁾ *Convento da Graça de Lisboa*, livro 8, fls. 14 v. e 15.

Reconstrução da Igreja do Convento e suas Actuais Aplicações. — A igreja, por ameaçar ruína, foi reconstruída em 1556. Nesse ano, aos 9 de Março, foi lançada a primeira pedra para a nova igreja, que se concluiu em 1565. Por ocasião do terremoto de 1755 sofreu bastantes avarias, excepto em 3 paredes mestras que tinham sido construídas sem alicerces ⁽¹⁹⁾.

A igreja foi novamente reconstruída, e serve actualmente de paroquial das freguesias de S.^{to} André e de S.^{ta} Marinha, para aí trasladadas em 31 de Maio de 1835.

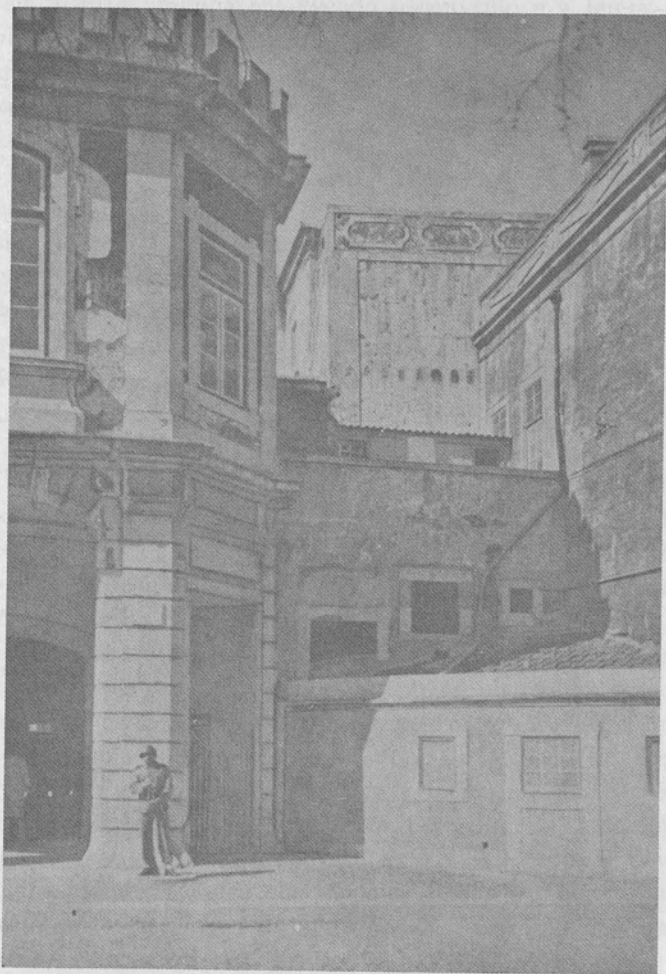
Ampliações e Modificações do Convento. — No decurso dos tempos sofreu o convento muitas modificações e ampliações, e porventura mesmo grande remodelação na 2.^a metade do século XVI.

A área do primitivo convento devia ter dimensões muito inferiores, cerca de metade das actuais. O claustro grande, contíguo à igreja, bem que remodelado, é certamente mais antigo do que o claustro pequeno e do que as dependências do convento que envolvem o último, que são talvez do século XVI.

Depois da extinção das Ordens Religiosas em 1834 foi o convento destinado, e tem servido de quartel, a várias unidades militares.

Inclusão da Igreja e Convento da Graça na Cerca Fernandina. — O primitivo edifício conventual estava construído havia exactamente um século quando D. Fernando mandou fazer a obra da cerca (1373), e naturalmente levantou-se no espírito dos construtores a dúvida de ele dever ficar incluído, ou fora do recinto da fortificação.

(19) Julgou o architecto construtor dispensável fazer os alicerces na terra, porque eles estavam nas cruces que coroavam a última cimalha (!). A parede mestra da frontaria, de construção posterior à das outras três, com alicerces na terra e mais forte de que elas, foi derrubada pelo terremoto de 1755; as outras foram poupadas. — *Corografia Portuguesa*, pelo P.^o A. C. da Costa, tomo III, 1712, pág. 357. — *Mappa de Portugal*, pelo P.^o J. B. de Castro, tomo III, 1763, pág. 222.



QUARTEL DA GRAÇA — ENTRADA PRINCIPAL

O corpo de edificio do último plano, com a parede esburacada com 8 buracos, é a torre oriental, ainda existente no interior do quartel, vista do nascente para o poente

Foto Ed. Portugal.

A *Planta da Cidade de Lx.^a*, de João Nunes Tinoco, mostra em 1650 a muralha envolvendo o convento e a igreja, e munida com dois torreões no topo norte daquele, e por ela se vê que foi seguida a primeira das sugestões, se acaso os dois torreões não eram primitivamente duas torres avançadas isoladas.

Inclusão do Muro da Fachada Ocidental do Convento, na Cerca Fernandina (?). — O troço da muralha que devia, segundo Tinoco, ocupar o sítio da parede mestra ocidental do Convento da Graça, ou não chegou a construir-se, aproveitando-se para a cerca aquele próprio muro do convento, ou, se se construiu, foi demolido naquele sítio, talvez durante e por motivo das obras de reconstrução e de remodelação do edifício nos meados do século xvi, e substituído pelo muro da fachada que ainda se conserva.

O que é certo é que na vistoria que se fez em 1625 aos muros e portas da cidade foi proposto, para organização da defesa no sítio do convento, *tapar da banda da serça todas as portas (do convento) que saiem p^a ella, e todas as janellas do prim.^o andar, e as do segundo tapadas até o meo* (20), o que revela claramente, combinado com a planta de Tinoco, que não existia então aí um muro pròpriamente defensivo; como, de resto, até certo ponto se justificava pela aspereza da encosta, em cuja cumiada se levantava o muro da fachada do convento, o que contribuia para o tornar fàcilmente defensável.

1.^a Torre do Topo Setentrional do Convento. — Onde hoje vemos um corpo saliente da frente ocidental do edifício deve ter sido o local da Torre que marca a Planta de Tinoco, no extremo norte deste troço do muro, ou da *Torre grande* a que se refere o documento de doação da barbacã ao convento, a que atrás nos referimos. Dela não restam vestígios.

Desta torre virava a muralha para o oriente, pelo chão da ala setentrional do quartel perpendicular à sua fachada

(20) *Elementos*, etc., tomo III, pág. 165.

principal. Pode ver-se ainda um pequeno resto desta quadrela, com cerca de 8^m de extensão, nuns compartimentos do andar térreo do quartel, resto que nos serviu para definir a orientação do troço no Mapa XVI.

2.^a Torre do Topo Setentrional do Convento. — Este troço da muralha inseria-se numa torre desenhada no vértice do saliente nordeste do edificio na Planta de Tinoco. Ainda está conservada até à altura dum 2.^o andar, cerca de 8^m, nas trazeiras do prédio de habitação do comandante da unidade militar ali aquartelada (prédio n.^o 94 do Largo da Graça), e sobre ela acha-se construída uma cisterna com a cobertura em terraço.

A sua secção horizontal era octogonal, como consta dum documento de medição da obra do corregimento dos muros da cidade, a que já nos temos referido: *torre oytavada que está allem da porta de ssanta Maria da Graça donde parece* (aparece) *ssanta maria do monte* ⁽²¹⁾.

A Ermida do Monte já se não avista da torre, como então, devido às edificações que se têm erigido na encosta do Monte de S. Gens.

A Planta de Tinoco mostra a torre com uma forma pentagonal irregular em planta, certamente inexactidão do desenho. Tem actualmente uma secção trapezoidal, com os cantos chanfrados, medindo aproximadamente 10^m de face a face. Na altura do 1.^o andar do prédio ainda se conhecem, nas suas arestas norte e leste, uns pequenos chanfros, últimos vestígios da sua primitiva forma octogonal.

Poterna por Baixo da Torre Oitavada. — O envasamento ou parte inferior da torre é atravessado por uma poterna ou corredor abobadado, enviezado em planta, com 3^m,9 e 3^m,6 de altura respectivamente ao sul e ao norte, e 10^m de comprimento por 3^m de largura, que conjecturamos haver sido uma porta

(21) *Corpo Chronologico*, parte 1.^a, maço 8, n.^o 46, documento do ano de 1509.